

FUNDAMENTOS TÉCNICOS DA INDÚSTRIA PRIMÁRIA E DE TRANSFORMAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Na sessão inaugural do 10º Congresso da Associação Brasileira de Metais, realizada em São Paulo, a 6 de dezembro do ano passado, o General de Divisão Edmundo Macedo Soares e Silva, Presidente da Cia. Siderúrgica Nacional e da Cia. de Aços Especiais Itabira, Vice-Presidente da Associação Brasileira de Metais, membro do Conselho Nacional de Minas e Metalurgia e Vice-Presidente executivo da Comissão de Desenvolvimento Industrial, pronunciou uma conferência sobre o tema "Os Fundamentos Técnicos das Indústrias Primárias e de Transformação na América Latina".

Tratando-se de assunto de alta significação econômica para a América Latina e, consequentemente, para o Brasil, "A Defesa Nacional" publica na íntegra esse trabalho que é uma reafirmação de confiança, do ilustre conferencista, no valor e possibilidades do homem latino-americano, encerrando minucioso exame das riquezas do solo e sub-solo de toda a América Latina.

I — RECURSOS NATURAIS DA AMÉRICA LATINA

A América Latina apresenta peculiaridades que devem ser ressaltadas no início de um estudo sobre os fatores que influem na sua industrialização.

Em primeiro lugar, é interessante observar que ela ocupa em latitude a maior extensão das regiões civilizadas do globo terrestre: vai de 32° N a 55° S. Quase metade do México e cerca de 2.500.000 km² ao Sul, abrangendo 600.000 km² no Brasil, 40% da superfície do Paraguai, todo o Uruguai e, praticamente, a totalidade dos espaços geográficos ocupados pelo Chile e a Argentina, ficam fora da zona compreendida entre os trópicos de Câncer e de Capricórnio. A África tem, no planisfério terrestre, a mesma posição, com mais 5° ao N e menos 20° ao Sul, pois Capetown corresponde a Montevidéu. Do mesmo modo, a parte Sul da Ásia, abrangendo grande área da China, a Indochina, o Sião, a Birmânia, a Índia, o Paquistão, o Sul do Irã e a Arábia Saudita correspondem, com a Oceania do Sul, à localização da América Latina.

A observação vale para documentar que a influência da latitude nos dá todos os climas possíveis da Terra, exceto o glacial.

Ainda sob o aspecto geográfico, notam-se na América Latina grandes cadeias de montanhas que ericam o território das Repúblicas do México e da América Central de altos picos e formam planaltos, onde a elevação corrige os efeitos da latitude; do mesmo modo, a América do Sul se caracteriza, a Oeste, pela colossal massa dos Andes que, ramificando-se em várias cordilheiras de direção Norte-Sul, suspendem a grandes e médias altitudes várias extensões planas, "las sabanas", onde vivem populações numerosas em belas cidades, como Bogotá, Quito e Santiago; deslocando-se para Leste, os Andes Orientais percorrem a Venezuela do lago Maracaibo ao golfo de Pária, permitindo que Caracas a 1.000m, seja uma das capitais de clima mais ameno no Mundo, embora se situe a 10° Norte da linha equatorial. No Brasil os grandes massivos que se levantam do Rio Grande do Sul até o Nordeste, com ramificações para o Oeste, colocam igualmente grande parte do território do nosso País

a altitudes que corrigem, como dissemos acima, os efeitos da latitude, São Paulo, como Caracas, se beneficia dessa circunstância, o mesmo acontecendo com Curitiba, Belo Horizonte, Goiânia e inúmeras cidades de vários Estados brasileiros.

A área total da América Latina é de, aproximadamente, 20.000.000 de quilômetros quadrados, e a população 171.000.000 de habitantes, assim repartidos :

	Área (Km ²)	Habs.
México	1.970.000	24.200.000
América Central	715.190	24.300.000
América do Sul	17.530.000	123.000.000

A massa humana é a que cresce mais rapidamente no Mundo, na época atual : 2.3% por ano ; em 1975, somará 275.000.000 de almas, se essa taxa continuar (1).

No México, na América Central, na Venezuela, nos Países da costa ocidental da América do Sul, no Paraguai e na Bolívia as populações têm percentagens variadas de mestiços. A mistura étnica é também considerável no Brasil. Em todos os Estados há uma "élite", onde predomina a raça branca.

Houve quem afirmasse que, numa secção reta do Brasil, de Leste para Oeste, seriam encontradas civilizações de tôdas as épocas, isto é, desde a mais avançada, do século XX, até a das idades primitivas, como a dos índios. Este estado de coisas continua na América Latina, porque existem enormes extensões quase despovoadas e sem meios modernos de comunicações para massas de mercadorias. Pode-se afirmar, entretanto, que todos os governos se preocupam com a instrução pública e que a cultura ocidental penetra nas massas, com maior ou menor velocidade, conforme o País. Não obstante, o analfabetismo ainda perdura, em proporção elevada, em muitas regiões ; é certo, porém, que, por outro lado, já se nota bom ensino secundário. Universidades bem organizadas existem em quase todo sos países, permitindo a for-

mação de uma "élite", cujo pensamento organizador vai-se impondo pouco e pouco. Além disso, inúmeros latino-americanos bebem as lições das escolas européias ou americanas do Norte, procurando aprimorar a educação que recebem em suas pátrias. Como observação de ordem geral, pode-se afirmar que a atitude dos latino-americanos é para a cultura moderna e que elas ombreiam facilmente, nas competições intelectuais, com os europeus e americanos em suas próprias escolas, manejando línguas estrangeiras.

Maugrado as aptidões naturais, a formação técnica dos povos latino-americanos deixa muito a desejar. Em seu conjunto, não formam elas mais de 4.000 engenheiros por ano, de tôdas as especialidades, aí compreendidos os arquitetos. A influência das antigas universidades espanholas e portuguêssas, onde o culto das letras e da filosofia ultrapassava o gosto pelas ciências físicas e naturais, ainda se faz sentir, attenuada, no entanto, por tendências recentes que estão conduzindo os latino-americanos aos laboratórios de tecnologia e de pesquisas ; essas tendências se notam, pelo menos, nos países de maior população, como a Argentina, o Brasil e o México, mas também já se observam em outros, como a Venezuela, o Chile e a Colômbia.

Em consequência do nível cultural e do baixo padrão de vida, percentagem ponderável de populações latino-americanas não gozam de uma saúde perfeita e apresentam índices de produtividade inferiores aos dos habitantes de zonas temperadas, na Europa e na América do Norte.

A despeito das observações que acabamos de fazer, é opinião generalizada que os latino-americanos, em todos os escalões do trabalhos, aprendem com relativa facilidade, adquirem senso de responsabilidade e trabalham com rendimento satisfatório nos ramos de atividade em

(1) Latin-American Business Highligth (The Chase National Bank, N.Y.), setembro de 1954.

que atuam. Os mais altos níveis técnicos, nas profissões que exigem qualidades pessoais, são atingidos por elas: na medicina, na advocacia, na engenharia, nos misteres artesanais e nas tarefas de operários na indústria moderna. Essa opinião tem sido corroborada por exemplos de realizações as mais arrojadas em campos diferentes, como construções civis, metalurgia, eletricidade, química, etc. Não se trata, destarte, de suposição, de um pensamento que se deseja que se transforme em realidade — de um "wishesful thinking", mas de fatos que são reconhecidos e apontados diariamente. Podem, pois, ser atingidos, entre nós, aqueles elevados padrões de eficiência que caracterizam as aplicações industriais nos países mais adiantados.

Em resumo, a tese que procuramos defender acima se pode resumir assim:

"A América Latina dispõe de espaço, de climas e de gente para exercer as atividades que marcam a civilização moderna".

Os fatos têm provado que a afirmação de André Siegfried, o conhecido pensador francês, de que os povos da América Latina não poderiam dispor de élites capazes de atender às graves responsabilidades de organização e direção dos Estados modernos, não se mantém de pé. Cada dia, o que vem sendo feito, demonstra o contrário.

Passemos a examinar agora o que valem o solo e o subsolo da América Latina.

Ocupando um tão vasto espaço em latitude e possuindo elevados planaltos, a ecologia das nações latino-americanas é a mais variada possível. Há climas extremos — do frio ao tropical. Domina, entretanto, esse último, razão pela qual vamos examinar os solos tropicais em primeiro lugar. Como fonte de matérias-primas de origem vegetal, elas têm uma importância indubitável: madeiras, plantas medicinais, borracha e fibras. Como mostrou recentemente o estudioso agrônomo

Patrício Sr. Pimentel Gomes, foram vencidas as dificuldades técnicas para a produção de celulose com as madeiras heterogêneas das florestas tropicais; (2) industrial brasileiro já está instalando fábrica de papel nas proximidades de Belém, no Pará. A América Latina dispõe de 6.500.000 km² de florestas tropicais, dos quais 5.200.000 na bacia amazônica, servida por grandes aquavias.

A respeito do revestimento flaretal nas zonas equatoriais, vale a pena citar uma afirmação de Dudley Stamp, no seu interessante livro "Our Undeveloped World": "Por que, num mundo faminto de madeira, ficaram tão pouco exploradas estas florestas que apresentam as mais vastas extensões de terra com madeira não aproveitada (unworked)? As árvores são de espécies muito diferentes: a maioria, senão todas, são madeiras duras do tipo conhecido tecnicamente por *madeiras tropicais de marcenaria*. Elas são de alguma forma de uso limitado; na verdade, menos de 2% da madeira de lei consumida no Mundo pode ser classificada sob o título geral de madeira dura tropical. Cada madeira é diferente e, quanto haja uma demanda comercial para alguns tipos, é difícil estabelecer demanda para todos. Em consequência, no que se refere à exploração, as alternativas são, ou abatimento completo da floresta, com a dificuldade de achar mercado, ou, na verdade, uso para os muitos e variados tipos, ou corte seletivo das árvores de valor comercial, tarefa virtualmente impossível".

Nossa experiência da exploração de florestas tropicais no Vale do Rio Doce mostra que essa é uma das muitas afirmações que se erigem em regra, mas que não correspondem à verdade. Todas as madeiras, em nosso País, encontram uso e compradores. O problema, para a Amazônia, tem sido a distância, a dificuldade de penetrar na floresta e de vencer os obstáculos

locais. A reserva, entretanto, existe, e, à medida que a civilização avançar para aquela região, o aproveitamento das suas riquezas se fará fatalmente.

Quanto à acidez do solo, à destruição das matérias orgânicas pelo Sol, a pouca profundidade do humus e a precariedade do restabelecimento natural da floresta cortada, são problemas em estudo e que escapam à análise que estamos tentando fazer. A agricultura tropical vai, entretanto, progredindo, e nos cabe, indubitavelmente, um grande papel neste sentido. Ao lado da grande área coberta de matas, temos na América Latina as zonas de campos, algumas extremamente interessantes para a criação de animais e que fornecem, além de alimento para o homem, matérias-primas industriais preciosas. Existem elas na Argentina, no Sul do Brasil e em vários altiplanos, mais ou menos elevados, em todos os países que estamos considerando.

Como vemos, nenhuma extensão da superfície da terra supera a da América Latina no que diz respeito à variedade de solos e ecologias. Sob o ponto de vista da produção de alimento, temos, assim, tôdas as possibilidades, desde os cereais nobres, de climas temperados, às culturas das terras tropicais.

O potencial energético à nossa disposição é igualmente formidável. No que se refere à energia hidráulica, avalia-se em 75.100.000 CV a potência ainda disponível, baseada em águas mínimas. Com as possibilidades que a moderna engenharia oferece, esse potencial pode ser estimado em 30% acima. (3) Os países mais aquinhoados são :

	C.V
Brasil	28.000.000
México	8.500.000
Peru	6.400.000
Argentina	5.400.000
Colômbia	5.400.000
Venezuela	4.300.000
Bolívia	3.600.000
Chile	3.600.000

O aproveitamento total atual é de pouco mais de 6.500.000 CV. Para comparação, tenha-se em vista que a Europa tem um potencial hidroelétrico disponível estimado em 53.860.000 CV e mais 33.900.000 já em utilização. A América do Norte (Canadá e Estados Unidos) já tem 35.200.000 CV em usinas funcionando e 84.400.000 ainda a aproveitar. A estação invernosa limita, entretanto, o aproveitamento da energia hidráulica em muitos pontos da Europa e do Norte do nosso Continente.

As reservas provadas de petróleo na América Latina são também enormes. A produção em 1950 foi de cerca de 100.000.000 tons, contra 270.000.000 tons dos Estados Unidos. Consideram-se como produtores : a Argentina, a Colômbia, o México, o Peru e a Venezuela. O futuro da produção de petróleo entre nossos países é promissor, como um todo, temos elementos para desenvolvê-la, em benefício do nosso desenvolvimento industrial.

No que diz respeito a carvão, é interessante referir o que escreve o Professor Clarence Field Jones, em sua "Economic Geography" :

"Comparadas com as reservas de carvão do Hemisfério Norte, as do Hemisfério Sul são extremamente pequenas. Todo o Hemisfério austral produz sólamente cerca de 2% do carvão do Mundo. Os campos principais estão no sudeste da Austrália, na União da África do Sul, no médio Chile. Sómente na Austrália são mineradas consideráveis quantidades de carvão coqueficável. Noutras áreas o carvão betuminoso é usado principalmente pelas estradas de ferro, a indústria mineira e o transporte oceânico, e, numa extensão menor, para a manufatura de gás e para o suprimento de energia a fábricas ; o carvão de tôdas essas áreas é largamente distribuído por estações de abastecimento de carvão nos oceanos austrais."

Diz mais Clarence Jones, na mesma obra : "A América do Sul tem menos reservas carboníferas do que

(3) Die Rohstoffe unserer Erde, H. Guttmann, Safari Verlag, Berlin (1952).

qualquer outro continente. As reservas e a mineração de carvão são confirmadas inteiramente no médio Chile, altas terras do Peru, cordilheiras central e oriental da Colômbia, sul do Brasil e Neuquém, na Argentina. A maioria das camadas são delgadas, interrompidas com inclinações irregulares e contêm carvão de média qualidade; em nenhuma área se produz carvão de alta qualidade para coque. As camadas do Peru e da Colômbia estão em áreas inacessíveis. O carvão não é a forma básica de potência nas principais regiões manufatureiras do continente".

Eis outra afirmação formal que os fatos estão começando a desmentir.

Esses fatos dizem respeito principalmente à Colômbia. As reservas carboníferas deste país já assinaladas são, com efeito, de enorme importância. Encontram-se em quantidades imensas nas três cordilheiras andinas que percorrem o território da República. "Parece seguro que as maiores reservas se encontram na cordilheira oriental, onde, segundo estimativas há mais de 6.000.000.000 de tons, disseminadas numa região de 3.000 km², sendo que sua maior parte corresponde a Cundinamarca e Boyacá". (4) Os Colombianos chegam a dizer que "no setor andino não há lugar onde não se encontre carvão e está fora de dúvida que um largo rio subterrâneo de hulha percorre o país desde Buenaventura, no Pacífico, até Goajira, no Caribe, com jazidas especialmente ricas nos departamentos de Vale, Cundinamarca e Boyacá" (4).

A 260 km a Nordeste de Bogotá foram confirmadas reservas que sobem a 1.900.000.000 tons. Provaram-se em detalhe reservas de 18.000.000 tons. de carvão coquefável e se estabeleceram 138.000.000 de reservas prováveis. Vários membros da ABM puderam visitar, em 1952, por ocasião do Congresso de Bogotá, a mina de La Chapa, cuja produção alimenta agora a coque-

ria da usina de Paz de Rio, em funcionamento desde agosto do corrente ano. O carvão para coque tem uma análise bastante favorável:

Umidade : 1 — 4% ;
MV : 28,35
C fixo : 52,60 ;
S : 0,7 a 1,6 ;
Cinzas : 6 a 15% ;
Poder calorífico : 7.000 — 8.000
cals.

As reservas provadas já foram dobradas desde 1952, de tal modo que se trata agora de abrir outras minas que se situam junto à Usina, em Belencito, na margem direita do rio Chicamocha (Matayeguas, Tópaga e Marcá).

São conhecidos os depósitos carboníferos do Chile. Ocorrem junto à costa, ao Sul de Concepción. As jazidas de Lota e Coronel estão em produção há muitos anos. A usina siderúrgica de Huachipato emprega coque que é o resultado da distilação da hulha dessas minas. A mistura com certa quantidade de carvão importado dos Estados Unidos não retira o valor dos depósitos chilenos. O Peru possui jazidas, sobretudo de carvão antracítoso, que se destacam pela sua extensão.

No Brasil as reservas de hulha são importantes nos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Devem-se assinalar igualmente as reservas paranaenses que ainda não estão completamente estudadas. Os depósitos de carvão do Rio Grande do Sul estendem-se a oeste de Pôrto Alegre e da Lagoa dos Patos, pelo vale do rio Jacuí acima, até suas cabeceiras, e infletem para sudeste, passando por Candiota e chegando às proximidades de Jaguarão. As reservas prováveis são da ordem de 800.000.000 tons. e as estimadas, segundo estudos já feitos, sobem a 120.000.000. A produção é da ordem de 900.000 ton./ano. O combustível produzido, com 5.000 ou 5.450 cals., é utilizado pela Rêde de Viação Férrea do Rio Grande do Sul e por usinas termo-elétricas.

(4) Colômbia em Cifras 1948-1949 : Publicação de "El Mes Financiero y Económico".

Em Santa Catarina as camadas de carvão, depois de se mostrarem em Bom Retiro, reaparecem em Lauro Müller e, numa direção geral Norte-Sul, atravessam as regiões de Urussanga, Treviso e Criciúma. A estratigrafia dessa zona que é a única importante, revela a existência de vários horizontes carboníferos que receberam as seguintes denominações, do mais superficial ao mais profundo: Treviso, Barro Branco, Irapuá, Ponte Alta e Bonito. Como é sabido, o horizonte realmente explorado em Santa Catarina é o Barro Branco. A razão é que somente ele dá um carvão coqueficável.

Até pouco tempo computavam-se as reservas de Barro Branco em 500.000.000 tons.; estudos recentes, realizados sob a orientação do DNPM, provaram que elas atingem a, pelo menos, 1.400.000.000 tons.

O carvão coqueficável é submetido a uma "preparação", de onde resultam três tipos principais: a) "metalúrgico", com 16 — 17% de cinzas, 1,5% de S e 6.800 cals. (p.c.s.); b) "carvão de vapor, grosso", com 26% de cinzas, 3% de S e 6.200 cals. (p.c.s.); e c) "carvão de vapor, fino", com 27% de cinzas, 3% de S e 6.090 cals. (p.c.s.). A recuperação do carvão metalúrgico é da ordem de 30%. Todo o enxofre é piritico.

O carvão do Paraná, ainda em estudos, apresenta propriedades coquefiantes e tem, sem preparação, um poder calorífico da ordem de 6.500 cals. As reservas de Santa Catarina tornaram justificável a construção de Volta Redonda e, embora não se tenha prosseguido nos estudos para melhorar o seu emprego na produção de coque, vêm concorrendo para alimentar a coquaria de nossa grande usina.

Recentemente, tivemos a oportunidade de visitar a Venezuela, em missão da "Administração de Assistência Técnica das Nações Unidas". Puzemo-nos em contacto com o problema carbonífero desse país vizinho. Pudemos ver que estudos do

sub-solo venezuelano têm revelado a existência de combustível fóssil sólido em muitos pontos: Lobatera (Táchira); Chiguará (Mérida); Maracaibo (Zulia); Sabana Grande, Clarines e Nasical (Anzoátegui); e Mapire (a SW de Ciudad Bolívar), são lugares onde há depósitos de carvão. Alguns deles, como os de Anzoátegui, são conhecidos há muitos anos e já têm sido explorados. Não há ainda um conhecimento suficiente da qualidade, condições de exploração e reservas desses combustíveis. Há já, entretanto, investigações preliminares, feitas pelas firmas Koppers, e Eisenbau, ambas de Essen, na Alemanha; as conclusões podem ser assim resumidas:

- 1) O teor de matérias voláteis é alto — entre 46,35 (Lobatera) e 42,85% (Sabana Grande);
- 2) O teor de cinzas é baixo, entre 3,5% seco (Lobatera) e 4,57% seco (Sabana Grande);
- 3) O teor de enxofre é aceitável e o fósforo não é mencionado;
- 4) Alguns carvões se aglomeram mais ou menos bem (teores de oxigênio e de M.V. elevados).

Venezuela, como a Colômbia, poderá ser outra surpresa agradável, no que se refere à existência de carvão, inclusive para coque.

No próprio Brasil ainda não conhecemos exatamente as possibilidades em hulha negra. Desde 1863, J. Coutinho descobriu, no calcáreo fossilífero de Itaituba, no Pará, terreno carbonífero. Vários investigadores estudaram o problema, entre eles C.F. Hartt e Gonzaga de Campos; mais recentemente Avelino Inácio de Oliveira e o saudoso professor Odorico de Albuquerque, da Escola de Minas de Ouro Preto; os fósseis encontrados reyelaram carbonífero marinho, o que exclui as possibilidades da hulha. No médio Xingú, porém, ocorrem camadas de carvão, na zona limitrofe do Pará com Mato Grosso (5). O eminent Gonzaga de Campos lançou a hipótese de que as camadas de terreno

(5) Geologia do Brasil, Avelino I. de Oliveira e Othon H. Leonards (Serviço de Informações Agrícolas, Ministério da Agricultura, Rio, 2ª ed. 1942).

carbonífero se prolongam em profundidade desde o Sul da Amazônia até o Meio Norte; em 1936, o Dr. Aristomenes Duarte encontrou os primeiros fósseis indicativos da idade carbonífera continental, numa sondagem para água em Terezinha. Apesar das pesquisas antigas e daquela que ainda leva a efeito o DNPM nada foi ainda descoberto no Brasil setentrional que nos permita afirmar a existência de camadas aproveitáveis de hulha; apenas indícios encorajadores. As investigações estão continuando. O Professor Odorico sempre afirmava que estávamos diante de uma grande de possibilidade e que era mister perseverar.

De tudo o que dissemos se pode concluir que ainda é cedo para uma afirmação categórica no sentido de que a América do Sul não tem carvão, mesmo coqueficável.

Quanto ao México, basta citar o que diz Arnulfo Villareal: "O carvão mineral, nas suas variedades linhito, betuminoso e entracito, se encontra extensamente repartido na República Mexicana" (6). As jazidas mais importantes se acham no Estado de Coahuila e começaram a ser exploradas há três quartos de século. Produzem carvão coqueficável. Só a bacia de Sabinas tem uma reserva estimada em 2.000.000.000 de tons. Na parte mais profunda, o carvão está a 350m. As minas dessa região são as mais importantes do país, servindo às grandes usinas siderúrgicas de Monclova e Monterrey.

É interessante assinalar também na bacia de Oaxaca (6), situada na região denominada Alta Mixteca, nos Estados de Puebla e Guerrero e, principalmente, na parte extremamente Noroeste do Estado de Oaxaca. A seu respeito, diz Villareal, já citado: "Os campos carboníferos de Oaxaca apresentam um notável interesse, porque atualmente as únicas fontes de carvão suscetíveis de produzir coque para a indústria si-

derúrgica são as do Estado de Coahuila e, como as usinas siderúrgicas estão situadas no Norte do país, os produtos terminados têm que ser transportados por estrada de ferro a uma distância que varia de 1.000 a 1.300 km, até ao centro que consome cerca de 85% da produção e que corresponde ao Distrito Federal e aos Estados de México e Puebla. Ao contrário, as jazidas de Oaxaca se situam a cerca de 400km da cidade de México e são circundadas por vários depósitos de minério de ferro que poderiam ser utilizados para a produção de aço, o que, a ser possível, dará uma nova estrutura à indústria siderúrgica do país. Além disso, as seguintes circunstâncias dão um valor especial ao carvão de Oaxaca: a falta de energia elétrica nessa zona, de petróleo e de gás natural, faz prever a possibilidade de utilizar o carvão em usinas termoelétricas e na elaboração de combustíveis sólidos que substituam o carvão vegetal e a madeira, contribuindo, assim, para a industrialização do centro do país e para a conservação das florestas regionais". Uma das camadas da região se aglutina sob a forma de coque metalúrgico.

Quisemos dar realce à análise da situação das reservas carboníferas latino-americanas, pela importância que apresenta o problema, e esperamos que os dados apresentados tenham demonstrado que a afirmação de Clarence Jones, que tem sido a de todos os geógrafos contemporâneos sobre o assunto, é prematura e não mais se justifica.

Se passarmos ao exame dos minérios que contribuem para a indústria siderúrgica, encontraremos, na maioria dos países que nos interessam, uma situação extremamente favorável. O México possui imensas jazidas de minérios de ferro, situadas em várias regiões do país (7). As mais destacadas, no momento, são as do "Grupo do Norte", porque nelas se baseia a in-

(6) El Carbon Mineral em Mexico, Arnulfo Villareal, E.D.I.A.P.S.A., Mexico, D.F., 1954.

(7) Joaquim de la Peña, Laszlo Radvanyi, Jorge Heyser e outros: La industria Siderúrgica en Mexico, E.D.I.A.P.S.A., México, 1951.

dústria siderúrgica atual mexicana. Situam-se nos Estados de Durango, Zacatecas, Chihuahua, Coahuila e Nuevo Leon. As reservas estimadas vão a mais de 100.000.000 tons., mas esse número não deve representar ainda a realidade: a abundância de minério não justificou ainda um estudo judicioso. Os minérios são hematita e magnetita, com teores acima de 50% Fe. Em alguns casos apresentam uma percentagem excessiva de fósforo pelo que devem ser misturados a minérios mais puros.

Há minério de ferro em muitos outros Estados, constituindo outros "grupos" de jazidas: Grupo do Pacífico Norte (Baixa Califórnia, Sonora e Sinaloa); Grupo do Pacífico Central (Jalisco, Colima, Michoacáu e Guerrero), onde estão as reservas mais importantes do país; e Grupo do Pacífico Sul (Oaxaca e Chiapas).

Devemos mencionar as jazidas de Cuba e da República Dominicana. De Cuba vem sendo exportado minério desde o fim do século passado (1884).

A Colômbia possui minério de ferro em quantidades apreciáveis, na província de Boyacá, em Paz de Rio; as reservas estimadas totalizam 100.000.000 tons. A usina de Belencito, recentemente inaugurada, o está empregando. Trata-se de um minério fosforoso, com 48% Fe e cerca de 1% de P, próprio para o processo Thomas. O Peru começa a apresentar-se como um exportador de minério de ferro e o Chile o é tradicionalmente, de suas jazidas de El Tofo (Bethlehem Stel Co.).

Na Argentina foi iniciada a exploração de jazidas em Serra Grande, no Território do Rio Negro; situam-se elas a 35 km da costa (8), entre Antonio Oeste e Puerto Madryn, a 900 milhas marítimas, de Buenos Aires.

Sobre o Brasil não é necessário apontar aqui nossas reservas em minério de ferro, tão conhecidas são elas. Recordemos, apenas, que as

estimativas mais autorizadas nos dão, só em Minas Gerais, 15.000.000.000 tons.

A Venezuela apresenta, no Estado Bolívar, ao Sul do rio Orinoco e entre este e o rio Caroni, vastas reservas de um excelente minério de ferro. As jazidas de Cerro Bolívar e El Pao, exploradas respectivamente pela "United States Steel Corp." e pela "Bethlehem Steel", são hoje mundialmente famosas. As usinas Fairless (Morrisville) e Sparrows Point, dessas duas grandes companhias americanas, já estão recebendo minérios venezuelanos. Convém assinalar que as reservas "não concedidas", conservadas para uso nacional pelo Governo da Venezuela, representam muitas vezes o volume das que estão em exploração atualmente. Visitamos recentemente a região e estamos convencidos de que a América Latina tem aí um suprimento de enorme valor.

Quanto ao manganês, são ainda as reservas brasileiras as mais interessantes das Américas. As do Amapá entrarão em exportação em fins de 1955 e Urucum continua a ser objeto de estudos e projetos; em novembro estive visitando essa última região uma Comissão de altas personalidades da U. S. Steel Corp. O "Mineral Year Book" (1949), do Bureau of Mines, dos Estados Unidos, aponta como produtores, além do Brasil, a Argentina, a Bolívia, o México e o Chile e nota que este último país pode aumentar a produção e exportação. O México também é exportador (57.464 tons. em 1948, da Baixa Califórnia). Pelas análises de amostras que pudemos ver, é nossa impressão que existe minério de manganês na Venezuela, em região próxima à de suas jazidas ferriferas.

O níquel só é assinalado nas estatísticas internacionais no Brasil, Chile e Cuba. O tungstênio, entretanto, figura na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, México e Peru, todos exportadores de minérios; o Brasil começou recentemente a pro-

duzir tungstênio metálico para fílamentos de lâmpadas elétricas.

Chile, México e Peru têm sido exportadores de minérios de molibdeno. O único produtor de titânio assinalado na América Latina é o Brasil, mas o vanádio existe na Argentina, no México e, sobretudo, no Peru, que tem exportado minérios e concentrados. O cobalto se nota na Bolívia e no Chile, que já têm sido exportadores. O Brasil, também, pode vir a tornar-se produtor, notadamente de jazidas goianas. A fluorita se apresenta na Argentina, Bolívia, Brasil e México.

Como vemos, as matérias-primas necessárias à siderurgia são abundantes e, certamente, terão sua produção aumentada, à medida que forem sendo mais bem prospectados os recursos minerais de nossos países.

Sobre refratários e indústria cerâmica, o exemplo do Brasil é marcante. Em um quarto de século, montamos uma produção que é notável. As argilas e fontes de silíca são comuns; a magnesita se assinala na Argentina, México e Venezuela e é extremamente abundante no nosso País, como é sabido (Bahia e Ceará).

Se nos voltarmos agora para os metais não ferrosos, veremos que, também nesse setor, é excelente a situação da América Latina, no Continente e no Mundo.

O cobre é extraído no Chile, no México e no Peru; o Equador igualmente o tem produzido; a Bolívia fornece minério, o Peru está recebendo no momento um grande impulso em sua produção, por parte de capitais americanos. A Argentina já tem produzido pequenas quantidades. A posição do Brasil não é brilhante quanto a este metal. Na Venezuela assinala-se o minério em condições de ser explorado; o mesmo acontece com a Colômbia. Em 1951 as produções da América Latina e dos Estados Unidos foram, respectivamente, 463.860 e 835.470 tons. m (9).

Quanto ao zinco, a posição é representada pelas produções seguintes, em 1949 (produção mundial de zinco recuperável nas minas) (10):

	Tons. m.
Argentina	9.830
Bolívia	14.197
México	172.320
Peru	64.283

Soma	260.630
Estados Unidos.....	538.145

A Argentina, o México e o Peru produzem o zinco metálico. As possibilidades do Brasil por enquanto são mínimas, no que se refere a esta importante matéria-prima.

O chumbo é outro metal que existe em muitos países da América Latina, como demonstram os números abaixo (Produção mundial de chumbo nas minas, em tons. m., 1949) :

	Tons. m.
Argentina	16.000
Bolívia	26.352
Chile	730
México	220.763
Peru	49.302

Total	313.147
Estados Unidos.....	371.860

A Argentina, o México e o Peru produzem o metal. Em nosso País se está fazendo um esforço no sentido de aumentar a produção de chumbo.

Eis a situação do estanho, demonstrada em números que representam o metal contido no minério, em tons. m. 1949) (11) :

	Tons. M.
Argentina	305
Bolívia	34.660
Brasil	330
México	364
Peru	45

Soma	35.704
Estados Unidos.....	69

(9) The Book of the Year Book, 1953, Encyclopédia Britânica.

(10) Mineral Year Book, 1949, Bureau of Mines.

(11) Mineral Year Book, 1949, Bureau of Mines.

Os grandes produtores são, como se sabe, a Malásia, a Indonésia e o Congo Belga que fornecem 60% das necessidades mundiais; a América Latina concorre com 24%.

A única usina que prepara o alumínio está no Brasil, em Minas Gerais. A segunda usina, praticamente pronta, se ergue em São Paulo. As duas somadas produzirão de início cerca de 10.000 ton./ano. A expansão da usina paulista está, no entanto, prevista e é de crer-se, pelas necessidades de nosso mercado interno, que ela se faça imediatamente. Os grandes fornecedores de Bauxita para os Estados Unidos são as minas das Guianas Holandesa e Britânica; esse minério é assinalado em outros países latino-americanos, entre eles a Venezuela e a Colômbia.

Passando aos fertilizantes minerais, devemos fazer referência, em primeiro lugar, ao salitre do Chile. Em seguida, às apatitas do Brasil e ainda do Chile. A Colômbia está começando a produzir escória fosforosa de conversor básico. Em Volta Redonda se recupera o licor amoniacial da coqueria para transformá-lo em sulfato. Não há, nas estatísticas, referências a fosfatos naturais nos países latino-americanos. No nosso País opina-se que há consideráveis massas de fosfatos de rocha (12), mas não existem dados suficientes quanto às possibilidades de sua utilização.

Uma nota apenas sobre enxofre. As estatísticas internacionais consignam sua existência nos seguintes países (1949) :

	long. tons.
Argentina	9.842
Bolívia	4.938
Chile (1948).....	13.258
Equador (1948).....	43
México (1948).....	2.100

A produção mexicana aumentou consideravelmente, com a descoberta de novas jazidas em 1950. Do mesmo modo, importante desco-

berta foi feita na Venezuela, que passará a explorar imediatamente essa fonte de riqueza.

As reservas de calcário são imensas na América Latina. A produção de cimento se aproxima de 10.000.000 ton./ano. Quatorze das vinte Repúblicas são assinaladas nas estatísticas.

Para terminar esta análise, que já vai longa, devemos lembrar que, não obstante estarem ainda em período de pesquisas geológicas, os países latino-americanos têm grandes possibilidades quanto à obtenção de elementos fósseis e associados, para a produção de energia nuclear. O assunto tem recebido atenção, sobretudo na Argentina e no Brasil.

O levantamento dos recursos gerais das vinte Repúblicas latino-americanas é, como se vê, altamente significativo. As matérias-primas mais essenciais existem, e muitas delas já são aproveitadas em escala apreciável, fornecendo recursos à Europa e aos Estados Unidos.

II — O MERCADO CONSUMIDOR LATINO-AMERICANO

O mercado consumidor latino-americano tem hoje uma importância considerável, a qual vem sendo acrescida pela perda gradual, a partir da última guerra, de mercados europeus e do extremo oriente. Publicação recente do "The Chase National Bank" (13) afirma que o mercado da América Latina é um dos de crescimento mais rápido do Mundo. "A produção de mercadorias e serviços nas vinte Repúblicas soma agora mais de US\$ 40 bilhões por ano. Dobrou desde meados de 1930. As importações dobraram, também, à medida que o mercado expandiu. E a população — seja o número de consumidores potenciais — está aumentando duas vezes mais depressa do que a média mundial".

(12) Comissão Mista Brasileira-Americana de Estudos Econômicos (Comissão Bulhões-Abbins), 1949.

(13) Latin American Business Highligths. A quarterly publication of "The Chase National Bank", September 1954.

Essas informações são seguidas de prognósticos sobre o que o mercado poderá ser em 1970: "produção na vizinhança de US\$ 100 bilhões por ano; população aumentada de mais de 60%, aproximadamente 275.000.000; importações dos EE. UU. totalizando US\$ 6 a 7 bilhões, mais do que o dóbro das atuais".

A luta pelo nosso mercado, entre os EE. UU. e os países industrializados da Europa, continuará. Como veremos mais adiante, até agora a natureza das importações latino-americanas favoreceu os EE. UU., mas isso vai-se modificando em relação à Europa Ocidental, cuja posição como fornecedora de bens de capital e de consumidora de nossos produtos tem melhorado consideravelmente. Até o presente, os Estados Unidos vêm conservando sua posição de grande vendedor, mas isso se tem devido, em parte, à sua tremenda capacidade de importar e facilidade de financiar; uma mudança de política a esse último respeito poderá mudar a situação enormemente.

A industrialização não tem alterado o mercado importador latino-americano. Um exemplo magnífico disso nos dá a indústria siderúrgica. De uma produção de cerca de 300.000 tons. de laminados antes da guerra passou a América Latina para 2.200.000 tons. no corrente ano (Brasil, 50%); pois bem, as importações não diminuíram, mantendo-se da ordem de 3.000.000 tons., com um valor aproximado de US\$ 400.000.000,00; pudessem a Argentina e o Brasil satisfazer ple-

namente o seu mercado consumidor e essa cifra passaria de 3.500.000 tons.

Outro índice seguro seria a importação de cimento; a pressão para isso é sempre grande, não obstante o aumento de produção em muitos países latino-americanos. A Venezuela, por exemplo, construiu recentemente várias fábricas, tendendo a atingir a auto-suficiência.

Mais um exemplo que demonstra capacidade latino-americana de consumir produtos altamente industrializados, temos com a eletrificação. No corrente ano as vinte Repúblicas inauguraram usinas geradoras num total de 1.300.000 Kw (Brasil 800.000).

É evidente, como anunciou o Senhor Prebisch, Diretor da CEPAL no seu excelente relatório à Conferência de Quitandinha em 1953, que a industrialização transforma o aspecto do mercado consumidor. É o que nos demonstra também o estudo do Chase Bank:

A medida que o desenvolvimento econômico muda o mercado, muda igualmente o aspecto das importações. As divisas que o Brasil economiza com produtos siderúrgicos e com outros itens agora produzidos localmente, são gastos com importações mais pesadas de combustíveis e bens de capital para suas indústrias em expansão. As importações de combustíveis aumentaram de 10% do total antes da guerra, para 14% em 1952. Ao mesmo tempo, os bens de produção aumentaram de 32 para 45%. Matérias-primas e bens de consumo declinaram em sua importância relativa.

	Bens de consumo	Mat. primas	Combustíveis	Bens de capital
	(% das importações totais a preços constantes)			
Argentina	1937-39	40,2	19,9	8,2
	1952	11,8	27,2	25,6
Brasil	1937-39	41,9	16,5	10,1
	1952	31,8	10,1	13,6
Chile	1937-39	44,1	21,9	8,9
	1952	36,4	18,9	11,9
México	1937-39	32,1	27,5	2,2
	1952	30,4	17,3	3,9

"A mesma configuração básica mostram as importações do Chile e do México, quando 1952 é comparado com anos de pre-guerra. O aspecto argentino é o mesmo, exceto que as importações de matérias-primas registraram um largo ganho, ao invés de declinarem. Este ganho foi contrabalançado por um abaixamento brusco, maior que a média, na parte relativa à importação de bens de consumo.

"Seguramente a configuração das importações varia qualquer coisa de ano para ano, dependendo da disponibilidade de câmbio".

E agora uma nota contristadora :

"Quando uma drástica redução de importação é necessária, há tendência a cortar nos bens de capital, pois que êles constituem as compras adiáveis mais à vista".

É na realidade, a solução fácil, mas, evidentemente, a de efeitos mais desastrados a longo prazo. Em 1953 as importações totais da América Latina caíram 13% no seu conjunto, principalmente porque a Argentina e o Brasil tiveram que cortar nas aquisições de bens de produção.

III — O INTERCAMBIO DAS NAÇÕES LATINO-AMERICANAS ENTRE SI E COM O RESTO DO MUNDO

Após a análise que fizemos, sobre o mercado latino-americano, pareceu-nos que deveríamos igualmente tecer algumas considerações sobre o intercâmbio de nossos países entre si e com o resto do Mundo.

Desde logo, duas observações de ordem geral podem ser feitas a respeito do intercâmbio entre os países americanos de origem ibérica.

Em primeiro lugar, é a precariedade das vias de comunicação entre êles. A via mais utilizável e, por assim dizer, a única na maioria dos casos, é a marítima. O intercâmbio por via terrestre, rôdo ou ferroviário, é quase inexistente para trocas vultosas de mercadorias. Aquavias fluviais, de caráter internacional, como na Europa, também

não existem. O papel do Amazonas é relevante a esse respeito, mas a tonelagem transportada é pequena.

Em segundo lugar, a organização do comércio externo das Repúblicas latino-americanas se tem feito em função dos mercados consumidores dos países mais industrializados. Por negociações bilaterais elas lhes fornecem matérias-primas e alimentos e lhes adquirem produtos manufaturados e, igualmente, alimentos. A fim de poder vender seus produtos primários, os acordos com os EE. UU. e com países europeus se fazem sempre na base de trocas desse tipo. Apenas há poucos anos essa situação se tem modificado ligeiramente, conseguindo as trocas entre o Brasil e a Argentina, ou entre essa e o Chile, consignar produtos industriais contra cereais ou matérias-primas.

Sob o ponto de vista de suas exportações, os países latino-americanos se classificam em 3 grupos (14).

- Países de agricultura tropical — Brasil, Colômbia, Cuba, Equador, América Central;
- Países de agricultura temperada — Argentina, Uruguai, Paraguai;
- Países de mineração — Chile, Peru, Bolívia, Venezuela, México.

As exportações dos países do primeiro grupo melhoraram muito relativamente às dos outros grupos; isso porque êles negociam sobretudo com os Estados Unidos, cujo mercado se manteve, em geral, firme para os seus produtos; por outro lado, os "termos de troca" (terms of trade) para mercadorias como o café, se conservaram elevados, só caindo com a recente reação dos consumidores americanos que diminuíram o consumo e jogaram abaixo preços que estavam sendo mantidos em alta. Os países que possuem maiores relações com a Europa, como a Argentina, ficaram prejudicados; o velho continente, com efeito, custou a emergir da crise que lhe trouxe a última guerra e, por outro lado, teve que fo-

(14) OEA. Comércio Inter-americano : medidas para sua expansão (15 de setembro de 1954), União Pan-Americana.

mentar trocas com suas colônias que produzem as mesmas mercadorias que nós. Um recente estudo, preparado para a Conferência dos Ministros da Fazenda que acabou de encerrar-se em Quitandinha e que citamos há pouco, mostrou que, "enquanto as exportações latino-americanas para o hemisfério ocidental subiram de 36 a 49%, e de 33 a 66% (em todas as exportações da América Latina) as exportações para a Europa cairam de 50,9% a 27,8%". Ao passo que os países de agricultura temperada (grupo b), já referido)) exportavam, em 1949, 62% do total de seus produtos para a Europa, os de agricultura tropical só exportavam 27% e os de mineração 22%.

A Europa procura, entretanto, reconquistar mercados e, não obstante sua posição desfavorável até pouco tempo atrás, começa a vender-nos bens de capital e, mesmo, a oferecer-nos financiamentos a prazos médios. O recente caso da usina de Paz de Rio, na Colômbia, inteiramente financiada pelos franceses que forneceram o equipamento, é um exemplo característico. A Fábrica de Alcalis no Brasil é outro exemplo; o "Engineering" definitivo, o equipamento nos estão vindo igualmente da França.

A Alemanha está desenvolvendo um esforço notável, facilitado pelo fato de que ela não tem possessões ou territórios sob mandatos em latitudes tropicais. Pode, assim, abrir as portas do seu mercado interno à América Latina e oferecer-nos a formidável ajuda de sua experiência técnica e de sua indústria de máquinas e outros equipamentos pesados.

De todos os países latino-americanos o que mais está procurando incentivar trocas com os seus vizinhos é o Brasil. Com a Argentina isso tem sido tradicional, excelente cliente que dela somos no que se refere ao trigo; com o Chile e a Bolívia temos procurado negociar sobre tudo metais, como o cobre e o estanho e, com essa última República o petróleo. Da Venezuela tra-zemos, também, o petróleo crú, mas o negociamos com as companhias

americanas concessionárias; somos forçados, assim, a pagá-lo em "dólares duros". Temos como certo que nossa industrialização já nos permitiria vender produtos manufaturados no mercado latino-americano; duas medidas bastariam para assegurar o sucesso: 1^{a)} fiscalização rigorosa, para manter o produto exportado em nível internacional; 2^{a)} taxa cambial que não consista em verdadeira taxação da exportação. Poderíamos acrescentar que é mister igualmente que nossa bandeira seja levada por nossos navios até Barranquilla, na Colômbia, passando pela Venezuela.

O intercâmbio latino-americano é ainda insuficiente. Seu incremento depende, a nosso ver, da industrialização e não temos dúvida em afirmar que nosso País, pelas suas condições atuais e rápido desenvolvimento, terá um grande papel a desempenhar. Tudo é função de uma política econômica realista, isto é, dirigida para objetivos seguros e legítimos do nosso comércio internacional.

IV — A PERMANENTE CRISE DE DIVISAS E DE CAPITAIS DA AMÉRICA LATINA

Não obstante enormes e variadas riquezas e a importância de suas exportações, a América Latina, tomada em conjunto, sofre uma crise permanente de divisas. Cada país por sua vez experimenta balanços de pagamentos desfavoráveis e os que têm no momento as melhores situações temem pelo futuro. A razão principal é que somos dependentes dos mercados consumidores em geral de um só produto e, às vezes, de dois produtos principais: Brasil e Colômbia, café; Venezuela, petróleo; Chile, cobre e salitre; Argentina, carne e trigo, etc. Ninguém tem, de fato, uma economia diversificada. Vivemos, por assim dizer, no que diz respeito às trocas internacionais, "au jour le jour". Por isso houve uma expressão pitoresca do Ministro da Fazenda da Colômbia, há pouco mais de um mês, afirmando que, aquilo que as donas de casa americanas

abatiam no preço do café, era tirado do envelope de vencimentos dos seus maridos. Com efeito, cada dólar ganho por um país latino-americano retorna aos Estados Unidos, direta ou indiretamente.

Quando as exportações são boas e os térmos de troca se apresentam favoráveis, as importações se avolumam e o comércio é satisfatório. Em outras épocas, a crise fere cruelmente os países latino-americanos.

Como notou o Dr. Prebisch, em recente estudo apresentado à sessão plenária do "Conselho Inter-americano de Comércio e Produção", no México (5 de outubro de 1954), os latino-americanos têm que obter sempre um saldo em suas balanças comerciais com os Estados Unidos, a fim de disporem de meios para pagar serviços, juros e dividendos. Diz ele, na sua tese: "Sem embargo, a quantidade de capital estrangeiro invertido nos últimos tempos tem sido desconcertante. As inversões totais provenientes dos Estados Unidos e do Banco Internacional de Reconstrução e Fomento têm chegado apenas a uma média de US\$ 422.000.000 por ano para toda a América Latina, no período 1950-1953, montante que se eleva a US\$ 527.000.000 se se incluem os empréstimos realizados, não com fins de desenvolvimento econômico, mas para aliviar a situação do balanço de pagamentos. De outro lado, os serviços financeiros de capital dos Estados Unidos e do Banco Internacional investidos na América Latina chegaram a uma média de US\$ 631.000.000. Encontramo-nos, assim, numa situação paradoxal de países em desenvolvimento com elementos de um balanço de pagamentos que são mais próprios de um estado de maturidade econômica que os países latino-americanos estão muito longe de haver alcançado. Na cifra de... US\$ 422.000.000 de empréstimos anuais destinados ao desenvolvimento econômico, aproximadamente... US 80.000.000 anuais correspondem ao Banco Internacional e ao Banco de Exportação e Importação do Governo dos Estados Unidos".

Os empréstimos desses Bancos representam apenas 3% das inversões públicas totais realizadas pelos países da América Latino. Quando dominava o mercado financeiro de Londres (afirma ainda o Doutor Prebisch), o capital estrangeiro representava cerca de 20% das inversões públicas latino-americanas. Hoje, como se vê, nós financiamos nós mesmos os serviços públicos em nossos países, os quais, em grande parte, são de infra-estrutura. As importações de equipamentos daí resultantes se fazem com divisas obtidas, em sua maior proporção, com exportações de produtos primários.

Não estará aí a explicação das dificuldades que experimentamos para progredir mais rapidamente, criando condições que favoreçam a atração de capitais particulares? Aliás, aí, também, existe uma situação muito peculiar. Em virtude da consciência social desenvolvida nas massas, ninguém admite mais serviços públicos que dêm remuneração alta, através de taxas. O normal é que elas equilibrem seus balanços anuais com benefícios limitados ou, mesmo, necessitem para isso de subvenções governamentais. Destarte, os investimentos privados nesse campo não encontram mais a atração do passado. Os interesses do capital particular se voltam, então, para as fontes de matérias-primas e para as indústrias de bens de consumo. As primeiras asseguram as suas organizações industriais, a preços convenientes, os elementos que elas não encontram em seus próprios países; nesse caso a política econômica dos governos a que pertencem esses usufruidores, se estende através dos continentes e dos mares para proteger o comércio global de seus países; isso cria ressentimentos nos povos que cedem as matérias-primas e originou um nacionalismo econômico que, por vezes, sendo exagerado, provoca inconvenientes graves para a inversão de capitais nos países pouco desenvolvidos. As indústrias de bens de consumo, por outro lado, dão altos e seguros rendimentos, porque garantem a seus

proprietários o benefício dos mercados ávidos de nações que necessitam mercadorias, mas não têm divisas para adquiri-las; freqüentemente a economia de divisas é apenas aparente, porque tais indústrias precisam de máquinas, combustíveis e lubrificantes, peças para substituição, matérias-primas e técnicos; então, com a repatriação de capitais e remessas de dividendos para o estrangeiro, o balanço geral da operação não é favorável ao orçamento de divisas do país receptor da indústria...

E há ainda mais uma peculiaridade: os grandes países industriais, fornecedores de capital, consideram capital dêles as reinversões feitas pelas suas indústrias no estrangeiro, com dinheiro ganho por elas nos países onde se localizaram. Essas reinversões são, portanto, contabilizadas, nos países de origem dos industriais, na moeda desses países. Destarte, elas concorrem para consumir divisas penosamente obtidas com exportações de produtos primários.

Assim, quando se afirma, como o fez recentemente Mr. Humphrey, Ministro do Tesouro dos EE. UU., que o capital particular americano inverte, anualmente, US\$ 1.500.000.000 no estrangeiro, isso significa que US\$ 900.000.000 são dólares novos e US\$ 600.000.000 são reinversões de dinheiro ganho no estrangeiro e que serve para comprar dólares. Das inversões novas, US\$ 300.000.000 vão para a indústria petrolífera e US\$ 600.000.000 para o resto.

Como o total dos investimentos americanos no Mundo, é de..... US\$ 23.700.000.000, vemos que o que se destina a ser empregado no estrangeiro, ou US\$ 1.500.000.000, representa 6,4%. Pergunto, então: poder-se-á afirmar que, em tese, os investimentos dos EE. UU. em dólares, no estrangeiro, equivalem ao rendimento obtido pelo total de suas inversões no Mundo?

É nossa convicção que, esclarecendo bem todos êsses fatos, podemos ficar aptos a preparar novos argumentos para defender nossos interesses, diante de povos mais organizados, mais ricos e disposto-

de uma colossal experiência em relações internacionais.

Como enfrentar praticamente o problema da falta de capitais para o desenvolvimento da América Latina?

Propõe o Dr. Prebisch uma solução inteligente:

"A América Latina contribui com cerca de US\$ 100.000.000 por ano às arrecadações dos EE. UU. dos impostos que gravam o rendimento do capital desse país invertido nela. Pensou-se que desses recursos poder-se-iam destinar cerca de..... US\$ 50.000.000 por ano, num período de 15 anos, para o Fundo Interamericano. Se se conseguisse o compromisso de realizar essa contribuição, o Fundo Interamericano poderia emitir nos mercados financeiros uma soma de títulos várias vezes maior, para satisfação de cujo serviço financeiro serviria a contribuição citada. Isso permitiria reabrir o mercado de títulos e atrair as economias privadas para a vasta tarefa de financiar o desenvolvimento econômico da América Latina".

Propõe o Dr. Prebisch que o capital inicial do "Fundo" seja de US\$ 250.000.000, metade subscrita pelos Estados Unidos, metade pelos países latino-americanos; apenas 20% do total seria desembolsado. A contribuição de nossos países garantiria as operações realizadas pelo "Fundo". A contribuição total seria propriedade do Governo Americano e iria sendo acrescida dos ganhos que se realizassem. Os governos latino-americanos não seriam acionistas diretos do "Fundo", e, sim, atuariam por intermédio de bancos centrais ou corporações de fomento.

O Chile propôs em Quitandinha, durante a recente reunião de Ministros da Fazenda, que fosse criado um "Sistema Bancário Interamericano". A base dessa organização seriam os depósitos em ouro que os países latino-americanos têm nos EE. UU.

Há ainda outra possibilidade que nos pode vir dos próprios EE. UU. Com efeito, pouco antes da reali-

zação da Conferência, o Presidente Eisenhower fez importantes declarações, afirmando sua disposição de tornar mais literal a ajuda americana e de pôr em prática as recomendações do Relatório apresentado pelo seu irmão, o Dr. Milton Eisenhower, após a viagem que ele realizou há alguns anos através da América Latina. A maioria dos observadores não considerou suficientemente clara a nova política anunciada, a qual passou a ser conhecida por um curioso "slogan" — "trade, not aid". "Trade", sim, dizemos nós, mas só com recursos derivados de melhores importações por parte dos EE. UU., ou com financiamentos adequados para desenvolver recursos primários; não haverá outra possibilidade.

A Delegação Americana, pela voz do seu Chefe, insistiu em Quitandinha, na utilização de capitais privados, e anunciou um segundo ponto importante: novas disposições de financiamento a prazo médio pelo Banco de Exportação e Importação para a venda de máquinas e equipamentos americanos, e formação de uma empresa particular com a participação do Eximbank para estimular os financiamentos privados. A idéia de uma cooperação financeira regional, isto é, latino-americana e americana, foi combatida, mostrando o Sr. Humphrey preferência pelos acordos bilaterais. A idéia de ampliar as operações do Eximbank é auspíciosa para nós, pois foi à base de créditos desse estabelecimento que pudemos financiar grande parte de nossas compras nos EE. UU. para a construção de Volta Redonda e a realização de outros empreendimentos, como a Cia. Vale do Rio Doce.

As propostas apresentadas e as teses debatidas pelas diferentes delegações acumularam fatos e devem ter fixado convicções que poderão produzir frutos próximos. Guardamos, por exemplo, este dado interessantíssimo do discurso do delegado chileno, Sr. Jorge Pratt: Segundo estatísticas do Fundo Monetário Internacionais, a América Latina possuía, em fins de junho do

corrente ano, 1954, em ouro e divisas — na sua maior parte dólares — nos Bancos Centrais, Fundos de Estabilização e outras agências governamentais o equivalente a US\$ 3.475.000.000.

Esta massa de dinheiro, convenientemente mobilizada, pode e deve constituir um valioso acervo que sirva para reforçar sua economia, fortalecendo o que hoje se pode denominar "precárias estruturas". O assunto da criação de novos recursos em dólares para financiar o desenvolvimento da América Latina não teve solução definitiva e a Conferência terminou sem que se possa esperar alguma nova realização nesse sentido em futuro próximo.

V — OS FUNDAMENTOS TÉCNICOS DA INDÚSTRIA PRIMÁRIA E DE TRANSFORMAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Se tivéssemos nós mesmos escolhido o título da presente dissertação, teríamos preferido denominá-la: "Fundamentos da Industrialização Latino-americana". "To the court". O assunto é, de fato, de tal modo profundo e fascinante que não comporta limitações. É mister considerá-lo em toda sua extensão.

Isso dito, vamos procurar concluir.

Os fundamentos da industrialização latino-americana, são, antes de tudo, sociológicos e políticos. A evolução de nossos povos já está bastante adiantada para que elas compreendam os benefícios da civilização ocidental. Não só os benefícios culturais, tomados no seu sentido mais elevado, isto é, filosófico, mas os que provém de uma economia diversificada, servida pelos meios que a tecnologia moderna põe à disposição dos povos. Se não podem ainda possuir e usufruir plenamente os recursos naturais existentes no espaço geográfico resultante do "out possidetis" ou de conquistas através dos tempos, desejam pelo menos, associar-se aos que vêm explorá-los. Ao princípio do "acesso às matérias-primas", defendido pelos países mais adiantados, acrescentam outro princípio que se pode enunciar assim: "acesso igual aos proveitos do que

é explorado em seus territórios". Já em Chapultepec, ao findar da última guerra, surgira o grito de "acesso às máquinas", reivindicando o direito de adquirir equipamentos e "know how".

Há um prenúncio de compreensão desses anseios; sentimos isso ao examinar os contratos para a exploração do manganês no Amapá e para a pesquisa e industrialização do petróleo venezuelano. há, também, em nosso País vários acordos para a utilização de métodos e processos e também associações várias, que reputamos extremamente benéficos para as duas partes.

O sentimento dos povos se reflete em sua atitude política, reivindicando mais poder econômico para obter de fato soberania.

Tais fundamentos são o fruto da conjuntura histórica que atravessamos, na qual povos e indivíduos lutam para ampliar suas conquistas passadas.

Depois, vêm os fundamentos econômicos.

Vimos, em primeiro lugar a enormidade de recursos naturais que possui a América Latina; muitos, talvez a maior parte, estão inaproveitáveis; alguns já beneficiam o Mundo, mas não a ponto de melhorar os padrões de vida dos que os têm em seus territórios. A América Latina, então, se vê diante da terrível alternativa, para a qual vimos chamando a atenção dos brasileiros há mais de vinte anos: "ou produzimos nós mesmos os elementos indispensáveis à elevação do padrão de vida de nossos povos, ou ficaremos estagnados pela falta de meios de troca". Isso significa: "ou nos industrializaremos, aproveitando nossos recursos naturais, ou pereceremos, porque não teremos divisas suficientes para importar o que precisamos para manter razoável nível de vida".

As nações mais industrializadas nos aconselham à especialização, segundo a teoria dominante no fim da era vitoriana, agriculturando o nosso solo ou dêle retirando recursos primários, para exportar alimentos e matérias-primas. Entretanto, elas fazem o mesmo, com séria con-

corrência à América Latina, seja em seus territórios, seja em possessões, ou regiões sob mandatos ou, ainda, em concessões que obtêm.

Há dois fatores adversos à industrialização latino-americana: um é a inexistência de "know-how" e de tradição; outro é a insuficiência de capitais.

O primeiro argumento pode ser respondido por um exemplo histórico: os Estados Unidos, quando começaram sua industrialização eram apenas um país agrícola; o mesmo aconteceu mais recentemente com o Canadá, a Austrália e a África do Sul. No Brasil já temos dado provas de que poderemos compreender o verdadeiro sentido da tecnologia moderna; um exemplo é suficiente: o "Instituto de Pesquisas Tecnológicas" de São Paulo. Na Argentina, no Chile e no México temos exemplos do mesmo valor. Vamos vê-los brevemente nouros países.

A tradição se forma lentamente, mas só é obtida na prática. É mister realizar uma indústria, para ne-la obter experiência. Quem poderá dizer que não temos tradição na indústria têxtil ou na açucareira?

A experiência técnica, portanto, nos está vindo com nossas próprias realizações nos campos industrial e científico.

A falta de capitais é um "handicap" sério. A exploração de nossos recursos por nós mesmos ou em associações vantajosas nos está dando uma massa de divisas que só tende a crescer. E poderemos contar, também, com duas possibilidades: a primeira é que haverá sempre uma certa quantidade de capital privado que procurará nossos mercados; isso se desenvolverá à medida que nossa infra-estrutura econômica melhorar; a segunda, é a organização de novos instrumentos de crédito ou a melhor utilização dos já existentes, para financiar empreendimentos públicos e privados na América Latina; a necessidade de exportar bens de produção levará os países mais adiantados a financiar suas vendas.

E, finalmente, desejamos apontar mais duas idéias fundamentais para o progresso Latino-americano :

1^{a)}) é mister que pensemos e atuemos cada vez mais jun-

tos, isto é, que somemos nossos esforços ; e, em seguida, que afastemos os pessimismos exagerados, porque, com êles, nunca se construiu coisa alguma.

AOS COLABORADORES !

Como COOPERAÇÃO muito preciosa no sentido de facilitar as tarefas de impressão da Revista e, consequentemente, evitar o atraso de suas edições, solicitamos, encarecidamente, aos nossos colaboradores que :

1. Datilografem, na íntegra, seus trabalhos, utilizando UMA SÓ FACE DAS FÔLHAS DE PAPEL e deixando espaço duplo entre as linhas.
2. Destaquem, com letras maiúsculas, o título do artigo. O nome do autor (ou seu pseudônimo) deve vir entre o título e o texto.
3. Coloquem, preferentemente, em fôlhas separadas do texto, as figuras, as fotografias, os desenhos, etc., com as respectivas legendas. (No texto, no local desejado, basta uma simples referência ao número da figura, fotografia ou desenho, correspondente).
4. Sempre que possível, desenhem as figuras a nanquim e em papel vegetal.
5. Tratando-se de tradução, quando a fonte original autorizar a reprodução, citem essa fonte sem esquecer o nome do autor do trabalho ; no caso contrário, obtenham autorização prévia.
6. REVEJAM SEMPRE OS ORIGINAIS observando, rigorosamente, a ortografia oficial (a do "PEQUENO VOCABULARIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA", da Academia Brasileira de Letras, dezembro de 1943, Imprensa Nacional).
7. Assinem a última fôlha e INDIQUEM O ENDEREÇO ATUAL para que se possa acusar o recebimento e realizar entendimentos quando necessários.